

# ANÁLISE DO DISCURSO DO NARRADOR SOBRE MACABÉA: UMA REFLEXÃO SOB PERSPECTIVA SOCIAL

## ANALYSIS OF THE NARRATOR'S SPEECH ABOUT MACABÉA: A REFLECTION FROM A SOCIAL PERSPECTIVE

**Maria Cláudia de Castro Teixeira** Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
f.elionar@gmail.com

**Polyanna Batista de Oliveira Ramos** Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
f.elionar@gmail.com

**Fábio Elionar do Carmo Souza** Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
f.elionar@gmail.com

**Resumo** Este artigo tem como objetivo analisar o discurso do narrador de A Hora da Estrela, obra de Clarice Lispector, sob uma perspectiva social. Através da análise literária, amparada por Mussalim, busca-se refletir sobre a (des)igualdade social presente na obra e como isso se reflete na construção da personagem Macabéa. O narrador, ao longo do livro, reflete sobre o próprio ato de escrever e se preocupa com a profundidade do ser humano, o que se relaciona diretamente com a construção da personagem principal. Além disso, o narrador apresenta discursos carregados de opiniões, os quais são importantes para a análise da perspectiva social da obra. Ao analisar o discurso do narrador de A Hora da Estrela, é possível obter uma reflexão crítica sobre as questões sociais abordadas na obra, bem como sobre o papel da literatura na representação e reflexão da sociedade.

**Palavras-chave** Análise de Discurso. A Hora da Estrela. Clarice Lispector. Narrador.

**Abstract** This article aims to analyze the speech of the narrator of A Hora da Estrela, a work by Clarice Lispector, from a social perspective. Through literary analysis, supported by Mussalim, we seek to reflect on the social (inequality present in the work and how this is reflected in the construction of the character Macabéa. The narrator, throughout the book, reflects on the act of writing itself and is concerned with the depth of the human being, which is directly related to the construction of the main character. Furthermore, the narrator presents speeches full of opinions, which are important for analyzing the social perspective of the work. By analyzing the speech of the narrator of A Hora da Estrela, it is possible to obtain a critical reflection on the social issues addressed in the work, as well as on the role of literature in the representation and reflection of society.

**Keywords** Discourse Analysis. A Hora da Estrela. Clarice Lispector. Storyteller



Licença de Atribuição BY do Creative Commons  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 28/02/2024  
Publicado em 30/04/2024

## INTRODUÇÃO

A obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, é conhecida por trazer reflexões profundas sobre a condição feminina e social das personagens centrais, nordestinos migrantes que tentam sobreviver e se encontrar em meio à agitação da selva urbana da capital fluminense. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise do discurso do narrador de *A Hora da Estrela*, particularmente sobre Macabéa, a protagonista da obra, a fim de refletir acerca da representação da mulher na sociedade e das questões sociais abordadas pelo romance.

A narrativa de *A Hora da Estrela* nos apresenta a história de Macabéa, uma jovem nordestina que vive em condições precárias na cidade do Rio de Janeiro. Através do olhar do narrador, Rodrigo S. M., e a partir da sua perspectiva de sujeito letrado, masculino e urbano, somos levados a uma reflexão sobre a marginalização, a pobreza e a solidão que cercam a vida da protagonista.

Neste contexto, é fundamental examinar de que forma o narrador de Macabéa contribui para a construção da imagem da personagem e para a maneira como ela é percebida na sociedade. Além disso, é necessário investigar as implicações da condição socioeconômica de Macabéa e a forma como isso se reflete em sua vivência como mulher.

Ao analisar o discurso do narrador, também se torna relevante compreender como as questões sociais, como a desigualdade, o abandono e a falta de oportunidades, influenciam a trajetória de Macabéa e as suas relações com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, por meio da análise do discurso do narrador de Macabéa, este estudo pretende contribuir para a reflexão sobre a representação da mulher na sociedade e as questões sociais abordadas na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Ao final, espera-se oferecer uma visão mais aprofundada sobre a perspectiva social e a condição feminina presentes no livro, enriquecendo o debate em torno dessas temáticas.

## 2 PROPOSTA DE MODELO TEÓRICO BASEADO NA ANÁLISE DE DISCURSO LITERÁRIO

Quando surgiu em 1960, na França, a Análise do Discurso definiu-se como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado. Mussalim (2012) destaca a dinâmica de poder inerente ao uso da linguagem e as formas pelas quais a linguagem pode ser usada para construir e reforçar hierarquias sociais. Ao explorar essas implicações sociais e culturais, podemos obter uma compreensão mais profunda dos temas mais amplos do romance e suas relevâncias para questões sociais, políticas e contemporâneas.

A Análise do Discurso (AD) tem o potencial de expandir nosso conhecimento e compreensão da linguagem em relação à comunicação, sendo vista como uma ferramenta importante para interpretar o comportamento, atitudes e valores humanos inscritos e revelados no plano dos discursos.

Analisando e interpretando o texto com certas ferramentas linguísticas, podemos obter informações sobre aspectos do poder social, da formação de identidade e outros assuntos relacionados a normas e expectativas sociais. A Análise do Discurso nos permite compreender como as pessoas usam a linguagem de maneira diferente dependendo de seu lugar na sociedade.

A Análise do Discurso – que chamaremos neste trabalho frequentemente de AD – está fundamentada em três campos de estudo: na Linguística, no Marxismo e na Psicanálise, conforme Orlandi (2020) nos orienta quanto à influência que cada uma dessas áreas do conhecimento exerce na construção da Análise do Discurso.

A Linguística tem a língua como objeto de estudo “e esta tem sua ordem própria” (ORLANDI, 2020, p. 19). A AD lança mão desta afirmação para compreender a relação entre linguagem, pensamento e mundo. Entre muitas interpretações podemos entender que cada esfera tem suas especificidades, entretanto, elas se entrecruzam ao constituir o discurso.

“Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.” (ORLANDI, 2020, p. 19). Ao tratarmos do homem como sujeito encostamos na Psicanálise. A teoria marxista do materialismo-histórico contribui com a AD ao embasar o tratamento dos estudos do discurso “que trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é, portanto, linguístico-histórica.” (ORLANDI, 2020, p. 19)

Toda e qualquer palavra já foi proferida em algum momento por algum sujeito. Podemos considerar então que já fizeram parte de diversos discursos, ou seja, as palavras chegam até nós carregadas de sentido.

Ao tratarmos de discurso é preciso entendermos ainda o conceito de ideologia e sua relação com a linguagem. “A linguagem se coloca [...] como uma via por meio da qual se pode apreender o funcionamento da ideologia.” (MUSSALIM, 2012, p. 104).

Fiorin (1998) nos apresenta ideias que fazem parte da concepção de Ideologia como, por exemplo, o fato de que “não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais.” (FIORIN, 1998, p. 29) A partir desta afirmação, o autor nos ajuda a estruturar um conceito amplo de ideologia que se vale de uma perspectiva social para existir, uma visão de mundo sendo que cada uma estabelece um discurso próprio.

O fator econômico está fortemente ligado à ideologia – não se trata do único fator, mas sim do mais consciente - visto que, ele contribui para a constituição de um ponto de vista. As concepções de religião, pensamentos políticos, reflexões filosóficas e outros são componentes fundamentais de ideologia.

Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa. (FIORIN, 1998,

Orlandi (2020, p. 45) nos afirma que ao tratarmos de interpretação de sentido estamos falando de ideologia, visto que ao nos depararmos com “qualquer objeto simbólico” somos direcionados a questionarmos qual o significado e o que aquilo quis dizer, ou seja, interpretar.

Ainda fundamentando o discurso devemos tratar também da Dialética. Com seu surgimento datado por volta de 400 a.C., na Grécia Antiga, a dialética é apresentada, em seu sentido clássico, como a arte do diálogo. De acordo com Konder, porém, na compreensão moderna, “dialética [...] é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.” (KONDER, 2008, p. 7-8)

Chegamos, então, ao objeto da AD. O Discurso “[...] é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2020, p. 15). A AD parte do princípio de que a

materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2020, p. 17)

O discurso é entendido como efeito de sentido da fala, entretanto, autores como Orlandi (2020) e Caprioli<sup>1</sup> (2018) afirmam que ao conceituar o fenômeno deve-se ter cuidado com a dicotomia língua e fala já que o discurso não deve ser entendido como oposição a fala “sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, assistemático, com suas variáveis etc.” (ORLANDI, 2020, p. 22)

Outro campo que deve ser citado neste trabalho é a Análise do Discurso Literário – que chamaremos neste artigo frequentemente de ADL -, a disciplina é diferenciada da AD por meio de seu objeto de análise. A AD tem como objeto o discurso, já a ADL tem como objeto o discurso literário – que chamaremos neste trabalho frequentemente de DL. Segundo Cavalcante e Silva (2021) o discurso literário distingue-se de outros discursos ao se tratar de um discurso constituinte

além do discurso literário ter autoridade para se autovalidar, ele também, por ser constituinte, pode ser utilizado para validar outros discursos. Além disso, é importante salientar que o campo literário também funciona como campo discursivo, proporcionando-nos a representação de realidades sociais e suas implicações discursivas e ideológicas para construção do sujeito. (CAVALCANTE; SILVA, 2021, p. 8)

As autoras entendem que existe grande autoridade no discurso literário, portanto, faz-se de grande importância analisá-los tendo em vista que tal discurso não se prende ao seu autor, mas está atrelado a discussões sociais presentes em seu contexto de produção. Caprioli (2018, p. 34) ressalta que “um sujeito possui uma Formação Ideológica e uma Formação Discursiva, e sabendo que o sujeito é

<sup>1</sup>A autora apresentou como tema de dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – UNESP, a Análise de Discurso Literário.

afetado pela formação discursiva em que se inscreve tanto quanto afeta e determina outros sujeitos em seu dizer.” Chamaremos, então, neste artigo Formação Ideológica de FI e Formação Discursiva de FD. Entende-se que FI e FD estão ligadas, visto que, a FI atravessa o espaço-tempo por meio de diferentes FDs.

Ao considerarmos um fato literário como um discurso, a AD o toma como seu objeto e o coloca como passível de análise. Segundo Maingueneau (2006, p. 61), “os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos de coletividade [...]”.

Ao fazermos um recorte mais preciso em um DL, é fulcral que ressaltemos definições que fazem parte do escopo da ADL, vocábulos como: narrador, personagens, discurso ficcional etc.

Em primeiro momento lançaremos mão do significado de termos como enunciação – ação de falar ou escrever – e enunciado – o produto gerado pela ação de falar ou escrever –, pois constituem a linguagem verbal. Santos e Oliveira (2001) estabelecem então a existência de dois sujeitos: o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Ao aplicarmos esses termos a um texto ficcional, devemos nos atentar em reconhecer os sujeitos de cada instância, sendo que, o sujeito do enunciado é o agente responsável pela ação na afirmação; o sujeito da enunciação é o responsável pela afirmação, o narrador, entretanto está no nível ficcional; o autor desse texto ficcional é colocado como sujeito não-ficcional da enunciação. Santos e Oliveira (2001) nos afirma que a voz do sujeito ficcional está contida na voz do sujeito não ficcional.

Entramos, então, no escopo da narração. Ao ler um texto literário entende-se que sabemos o que o narrador nos permite saber, este é “[...] um ser de papel que, como articulador da narração, determina o ponto de vista.” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 4).

Santos e Oliveira citam a teoria do foco narrativo de Jean Pouillon, para quem o narrador pode manifestar os seguintes pontos de vista: a “visão por detrás”, refere-se ao narrador heterodiegético, ou seja, é um estranho à história e tem consciência de tudo e sobre todos na narração; a “visão com” refere-se ao narrador autodiegético, aquele que relata a história a partir de sua perspectiva, estabelece juízo sobre atitudes de personagens e é um personagem também; já a “visão de fora” refere-se ao narrador homodiegético, que relata a história a partir de uma perspectiva distante, não utiliza de juízo de valor, age como testemunha em relação a história – o que não significa que tudo o que ele narra seja “verdade”.

Ao analisarmos um texto literário devemos ainda ter em mente a existência de três esferas: autor, texto e leitor. Não temos texto sem um autor, assim como não temos texto sem um leitor. Esses termos estão intimamente ligados via texto. Quem é esse leitor? Para além do leitor histórico / concreto, que comunga do mesmo plano de “realidade” do autor, existe o leitor inscrito no plano da narração literária. Chamamos esse leitor de “narratário”, aquele para quem se narra, entretanto, ele é o que se espera de um leitor de determinado texto, portanto, trata-se de uma ficcionalização do leitor real.

Um outro termo que compõe um texto literário é a personagem. Para Santos e Oliveira (2001, p.

28), “a personagem é o resultado de um processo no qual se imagina um ser que transita nas fronteiras do não-ser”. Trata-se então de uma relação paradoxal que somente um texto literário pode apresentar. Os autores afirmam então que, na literatura contemporânea, entende-se que a personagem é um produto verbal subordinado à narração do narrador.

O narrador, segundo Santos e Oliveira (2001), assenta-se no escopo do texto literário de distintas maneiras, como: o narrador da tradição oral – ele conta suas vivências, viagens; o narrador-editor – é responsável de pela publicação de certos textos, manuscritos e o leitor somente tem acesso a esse texto por meio do editor; o narrador pesquisador-detetive – este, ao narrar, transforma-se em um leitor, pois procura pistas e decifra enigmas; o narrador-copista – que utiliza da intertextualidade para narrar.

Em síntese, essa visão geral aqui exposta sobre a AD e a ADL é que servirá de parâmetro para a análise que faremos através do discurso do narrador de *A Hora da Estrela*, obra de Clarice Lispector, objetivando a compreensão das posições ideológicas dos diversos discursos postos em cena. Mediante a análise literária aparada por Mussalim (2012) e Orlandi (2020), busca-se refletir sobre a (des)igualdade social representada na obra e como isso reflete na construção da personagem Macabéa. Ao analisar o discurso do narrador de *A Hora da Estrela*, é possível obter uma reflexão crítica sobre a representação das questões sociais abordadas na obra, bem como sobre o papel da literatura na representação e reflexão sobre a sociedade.

### 3 CLARICE LISPECTOR E A CONDIÇÃO FEMININA DOS ANOS 50-70

Ao pensarmos em literatura brasileira, rapidamente nos voltamos a alguns importantíssimos nomes, dentre eles: Clarice Lispector. A autora deixou sua emblemática marca na cultura brasileira com suas obras profundas, pensativas, acusativas e reflexivas.

No escopo deste trabalho, ao analisarmos uma obra de Clarice – a última por ela escrita – temos a oportunidade de trazer um pouco de Lispector para embasarmos o desenvolvimento dessa análise. Moser (2009, p. 13) afirma que “A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana.” Lispector foi vista por muitas perspectivas, sendo assim, obteve muitas descrições. Entretanto a mais forte e que se perpetua até os dias atuais é a alcunha de A Esfinge do Rio de Janeiro. Vista como mulher que carrega mistério em seus olhos e que respondia evasivamente às entrevistas, ela não falava muito de sua origem estrangeira. Temos o conhecimento de que Clarice nasceu na Ucrânia no dia 10 de dezembro de 1920, em meio a uma guerra civil e que seus pais, ao fugirem, vieram para o Brasil. Teve sua nacionalidade brasileira questionada muitas vezes por conta de seu modo de falar – tinha a língua presa e marcava o ‘r’ tal qual uma estrangeira.

Ao tentarmos entender como a autora se via podemos destacar o trecho de uma fala narrando um

sonho em que tinha sido banida da Rússia:

Um homem diz que “só mulheres femininas eram permitidas na Rússia – e eu não era feminina”. Dois gestos a traíram inadvertidamente, explica o juiz: “1º: eu acendera meu próprio cigarro, mas uma mulher fica esperando com o cigarro até que o homem acenda. 2º: eu mesma tinha aproximado a cadeira da mesa, quando deveria esperar que ele fizesse isso para mim”. (MOSER, 2009, p. 15)

Muitos a acusavam de ser estrangeira pelo seu modo de escrever – que já foi comparado ao de Virginia Woolf – e diziam que não retratava uma realidade situada no Brasil. Um crítico escreveu uma vez que Clarice “trata motivos e temas estranhos à sua pátria, numa língua que lembra muito os escritores ingleses. Lustre não existe no Brasil, nem aquela cidade sitiada, que ninguém sabe onde fica” (MOSER, 2009, p. 16) - a referência é feita aos livros *O lustre* e *A cidade sitiada*.

Ao longo de seus livros, Lispector traz à tona questões como o papel da mulher na sociedade, a busca por identidade e liberdade, a maternidade, o casamento e as convenções sociais que restringiam a mulher brasileira na época. Suas personagens femininas são retratadas como seres complexos e multifacetados, muitas vezes lutando contra as limitações impostas pela sociedade conservadora em que viviam.

Clarice Lispector rompeu com muitos padrões literários da época e introduziu uma nova abordagem estilística em sua escrita. Seus textos são repletos de introspecção, fragmentação e experimentação, refletindo uma sensibilidade própria da sua experiência como mulher brasileira em um contexto de transformações sociais e políticas. Essa forma inovadora de escrever contribuiu para fortalecer a identidade da literatura brasileira e fez de Lispector uma figura icônica na cena literária do país.

Além disso, sua brasilidade vai além da representação da mulher brasileira. A própria Clarice Lispector era uma mulher brasileira, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira. Essa diversidade cultural e sua experiência de imigração influenciaram sua escrita e sua visão de mundo. Sua obra traz uma perspectiva única sobre a brasilidade, incorporando tanto elementos da cultura brasileira quanto influências externas, resultando em uma representação rica e multifacetada do país.

Em resumo, a brasilidade de Clarice Lispector é evidente em sua capacidade de representar a condição da mulher brasileira e, por consequência, do país como um todo nos anos 50 e seguintes. Sua escrita sensível, a abordagem das questões sociais da época e sua inovação estilística ajudaram a moldar a identidade da literatura brasileira e continuam a influenciar escritores e leitores até hoje.

Os anos 50 atravessaram transformações nos valores sociais, as quais estão à frente a situação feminina. Além de sua emancipação, surge também a pílula anticoncepcional. O universo da moda, beleza e o papel da mulher enquanto mãe surge na imprensa feminina brasileira, no entanto, no caso da escrita clariciana, podia-se notar uma outra postura. A página feminina de “Comício” - Jornal semanário político da época - tinha como uma das escritoras, Tereza Quadros, pseudônimo de Clarice Lispector. Sua escrita ultrapassava a cena doméstica e contava com a aproximação das leitoras através da identificação e vínculos emocionais nos temas abordados.

Na coluna *Entre mulheres* de “Comício”, Tereza Quadros conspira com o público feminino a respeito de *Um teto todo seu*, obra que foi publicada em 1928 por Virgínia Woolf. O texto intitulado *A irmã de Shakespeare* foi publicado em 22 de maio de 1952.

Uma escritora inglesa - Virgínia Woolf - querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. [...] Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava livros do irmão. Os pais intervinham: mandavam-na cerzir meias ou vigiar assado. (LISPECTOR apud NUNES, 2006, p.125).

No texto de Clarice, utilizando de seu pseudônimo, pode-se notar que a crônica acaba sutilmente agitando os padrões dos tabloides femininos ao tocar em assuntos bastante complexos e polêmicos à mulher dos anos 50. Dessa forma, o texto não estaria somente ocupando lugar na página da seção *Entre mulheres*, mas estaria repercutindo questionamento acerca da situação feminina pela autora.

As revistas da época salientavam a ideia de perfeição, reforçada pelas celebridades presentes nas revistas, que eram muito distantes da realidade das mulheres leitoras, fato que foi comentado por uma coluna de Hellen Palmer, outro pseudônimo de Clarice, em abril de 1960, na coluna *Beleza em série*.

Existe uma triste tendência, agravada nos últimos anos, para estandardizar a beleza e os tipos femininos. Influenciada pelo cinema, a mocinha escolhe uma artista de bastante renome e passa a ser o seu carbono. [...] Belezas em série, belezas de catálogo, numeradas, como se adquiridas por encomenda postal. [...] Sejam vocês mesmas! Estudem cuidadosamente o que há de positivo ou negativo na sua pessoa e tirem proveito disso. A mulher inteligente tira partido até dos pontos negativos. [...] Por favor, meninas, sejam vocês mesmas! (LISPECTOR apud NUNES, 2008, p.48)

O consumo de cosméticos, moda e beleza era incentivado a partir de propagandas que divulgavam a ideia dos desejos de liberdade da mulher por meio de garotas propaganda jogadas aos pés de eletrodomésticos, como por exemplo o aspirador de pó, que pareciam facilitar o cotidiano. As propagandas ofertavam algo ilusório que pudesse suprir suas carências. Lispector abordava a busca pela autoimagem e a crise de identidade fundamentalmente em sua ficção repleta de epifanias em meio ao dia a dia sufocante das tarefas domésticas. Portanto, ao deixar de lado as receitas e segredos de beleza nas colunas, disfarçando-se de Helen Palmer, Tereza Quadros ou Ilka Soares, revelava a futilidade das revistas voltadas para o público feminino levando-as a pensar com mais clareza a respeito de sua realidade.

Na página 18 da edição de 8 de agosto da página feminina de *Comício*, surge *Meio cômico, mas eficaz*. O texto se trata de uma receita peculiar que ensina a matar baratas.

Meio cômico, mas eficaz...

De que modo matar baratas? Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos desses bichinhos nojentos, a seguinte receita: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais. Essa iguaria atrai as baratas que a comerão radiantes. Passado algum tempo, insidiosamente o gesso endurecerá dentro das mesmas, o que lhes causará morte certa. Na manhã seguinte, você encontrará dezenas de baratinhas duras, transformadas em estátuas. Há ainda outros processos. Ponha, por exemplo, terebintina nos lugares

frequentados pelas baratas: elas fugirão. Mas para onde? O melhor, como se vê, é mesmo engessá-las em inúmeros monumento-zinhos, pois "para onde" pode ser outro aposento da casa, o que não resolve o problema. (LISPECTOR, 1952 p. 18)

*Meio cômico, mas eficaz* foi publicado junto a outras receitas da página, porém possui um objetivo diferente das demais receitas. O tom cômico utilizado para aproximar as leitoras, e a receita, além de ajudar a solucionar o problema das baratas, parece se comunicar com as leitoras através das entrelinhas. Os ingredientes citados "açúcar, farinha e gesso misturados em partes iguais" serão utilizados pela dona de casa para fazer a higiene do lar, o que é o papel da mulher e ironiza o vazio das demais receitas e informações de páginas femininas. A mulher como coração e base da harmonia de casa é uma ideia recorrente nessas colunas, conveniente para convencer de que a família necessita da figura feminina para funcionar bem e que por isso ela deve se sentir feliz por essa representação.

As mulheres clariceanas – nos romances, contos e colunas – guardam semelhanças e diferenças significativas. Se a dificuldade de acesso das camadas mais baixas da população aos veículos de comunicação impressa propiciou que a leitora das páginas femininas tivesse como pano de fundo o lar burguês, o palco da ficção clariceana também é o “cenário familiar pequeno-burguês”. (SOUZA, 2008, p. 184)

#### 4 ANÁLISE DE *A HORA DA ESTRELA*

“Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”, diz o narrador de *A Hora da Estrela* logo no início da narrativa. *A Hora da Estrela* se desenvolve ao redor de Macabéa, a principal personagem sobre a qual a narrativa se debruça.

O romance apresenta a personagem Macabéa diante de diversas situações – de trabalho, da vida amorosa, de amizades etc. Somos apresentados à personagem de maneira crua e, até certo ponto, cruel: “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém.” (LISPECTOR, 2019, p. 49) A moça em questão é nordestina, criada por uma tia de temperamento duvidoso – talvez maldoso -, e que, após sua morte, muda-se para o Rio de Janeiro, local onde embarca em um emprego de datilógrafa – serviço no qual não é boa – e estabelece relações com sua colega Glória, filha de um açougueiro, e seu chefe.

Em certo momento da obra, Macabéa enamora-se por Olímpico e encanta-se pelo fato de ambos serem nordestinos e estarem na cidade grande. Eles rapidamente estabelecem um tipo incomum de iminente casal – que acaba não acontecendo por fatores extras ao relacionamento (a interferência da amiga Glória). O desenrolar da história finda com a ida de Macabéa a uma cartomante que prevê, de certa forma, um momento de felicidade em sua infortuna vida. Entretanto, a personagem tem sua breve existência (se é que ela pode afirmar que “existiu”) interrompida

quando, ao sair da loja, depara-se com a morte: a hora da estrela enfim se realiza.

Os elementos constituintes da narrativa compõem a obra da seguinte forma: o narrador, Rodrigo S. M., a personagem principal, Macabéa, e os personagens secundários, Olímpico e Glória, integram o núcleo de personagens. Já o espaço-tempo no qual o enredo se desdobra é a cidade do Rio de Janeiro da década de 1970, intercalando-se em locais como o quartinho de Macabéa – que o divide com mais quatro mulheres –, seu ambiente de trabalho e a capital fluminense.

O primeiro elemento a ser analisado é o narrador. A certa altura ele afirma: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste.” (LISPECTOR, 2019, p. 48) É nos explicitado que o narrador vive na mesma cidade de Macabéa, assim como adveio da mesma região, portanto, são estabelecidos pontos de semelhança entre os dois.

Outro ponto em que se assemelham é na opinião que o narrador tem sobre eles: “Aliás – descobro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria.” (LISPECTOR, 2019, p. 49) Pode-se notar que a todo instante Rodrigo traz para a narrativa o lembrete de que é o narrador e pode ser entendido como uma mescla de “visão por detrás” e “visão com”, pois, apesar de ter consciência sobre todo o enredo, também se articula como personagem ao se caracterizar e tomar forma no texto em relação à Macabéa:

A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns setes personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e ‘grandfinale’ seguido de silêncio e de chuva caindo. (LISPECTOR, 2019, p. 48)

Ao se referir a Macabéa o narrador revela sua opinião: “Ela que deveria ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro primário”. (LISPECTOR, 2019, p. 50) Rodrigo faz questão de salientar a inferioridade intelectual da protagonista em relação a ele. “E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra ‘designar’ de modo como em língua falada diria ‘desiguinar’”. (LISPECTOR, 2019, p. 50)

Em certo ponto, é evidente que S. M. detém maior nível intelectual quando afirma “verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido.” (LISPECTOR, 2019, p. 53) Quando fala de sua condição financeira cita que tem “mais dinheiro de que os que passam fome”.

Devemos chamar atenção para o fato de a personagem principal do romance ser tida como mulher sem instrução, que deseja a todo instante por alcançar a riqueza material e intelectual. Quando o foco da narração se volta para o relacionamento amoroso entre Macabéa e Olímpico, obtemos uma outra face da personagem: a que deseja ser percebida, notada, querida por um homem. “[...] e Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e de prego, e o senhor?" (LISPECTOR, 2019, p. 74)

Sua vontade de estabelecer um relacionamento era tão intensa que não percebia que certas falas de Olímpico a desdenhavam:

Da terceira vez em que se encontraram – pois não é que estava chovendo? – o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padraço a custo lhe ensinara, disse-lhe:

- Você também só sabe mesmo é chover!

– Desculpe.

(LISPECTOR, 2019, p. 74)

O narrador, ao relatar o relacionamento dos nordestinos, salienta que ambos eram pobres, assalariados e que não conseguiam manter um diálogo um com o outro:

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto de nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: - Pois é.

Ela: - Pois é o quê?

Ele: Eu só disse pois é!

Ela: Mas “pois é” o quê?

Ele: Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: Entender o quê?

Ele: Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: Falar então de quê?

Ele: Por exemplo, de você.

Ela: Eu?!

Ele: Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: Desculpe mas não acho que sou muita gente [...]"

(LISPECTOR, 2019, p. 77)

Ao analisarmos o diálogo acima constatamos que Macabéa não se enxerga como ser humano e se coloca como distante de outras pessoas em várias instâncias. Com o objetivo de estabelecer assuntos, a personagem “larga” fatos aleatórios que descobre ao escutar a Rádio Relógio, o que irrita Olímpico.

Ao analisarmos a personagem Glória, vemos que esta é muito diferente de Macabéa. Em relação a pensamentos, a amiga levanta questionamentos que fazem Macabéa parar, estagnar sem conseguir responder ou pensar.

Já a comida tem uma importância diferente para Macabéa. Quando Glória a convida para um lanche da tarde, a fim de compensar o roubo do namorado da outra, Macabéa logo pensa que comerá de graça – coisa que muito aprecia: “no dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa do nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate”. (LISPECTOR, 2019, p. 93) Seus hábitos alimentares não passam de cachorro-quente e Coca-Cola, o que deixa o médico assustado quando decide ir à consulta.

Ao lermos *a Hora da Estrela* nos tornamos cúmplices da miserável vida de Macabéa. Rodrigo S. M., ao narrar, transporta em sua escrita consciente sua percepção e opinião acerca da

personagem. Em certo ponto da narrativa, nos deparamos com a seguinte afirmação: “Ah, pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver.” (LISPECTOR, 2019, p. 87) Tal passagem mostra a compaixão que, verdadeiramente, Rodrigo sente. Maca – como é chamada na narração em momentos pontuais – enfrenta dificuldades em seu dia a dia que fazem parte de tarefas simples do “ser humano”, como pensar, por exemplo: “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava.” (LISPECTOR, 2019, p. 83)

Podemos, ao final, afirmar que Macabéa, para o narrador, não era simplesmente um “nada”, mas sim um sistema completo de vários pensamentos e nenhum ao mesmo tempo. Maca era tão substancial em seus pensamentos vazios que assustavam a Rodrigo, este que por sua vez, ao ser confundido pela nova representação de SER que lhe foi mostrado, sentiu uma incrível necessidade de externar sua visão. Tanto que, quando Macabéa morreu, matou Rodrigo: “Macabéa me matou. Ela estava enfim livre de si e de nós.” (LISPECTOR, 2019, p. 109)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler Clarice é um exercício de existencialidade. Ler *A Hora da Estrela* é como um soco no estomago que dói por dias seguidos de maneira a te lembrar que esteve ali.

Ao analisarmos o romance foi necessário, primeiramente, estabelecer os dispositivos analíticos inerentes a Análise do Discurso. Estes que, junto ao contexto de produção e recepção da obra, são necessários para entender e refletir acerca das representações que as personagens atuam.

No primeiro momento – aquele que trata da AD e da ADL em específico – nos amparamos de autores consagrados da disciplina e que sustentam argumentos importantíssimos para a análise do corpus. O entendimento sobre os papéis que cada elemento constituinte da narração assume é primordial para uma análise discursiva. A maneira que o narrador se coloca no enredo se torna de extrema importância para o desenvolvimento das personagens – sobretudo de Macabéa – e o contexto histórico que vivenciou a publicação do último livro de Clarice em vida se mostra de grande influência na narração.

Ao final deste artigo pode-se afirmar que o narrador Rodrigo S. M. e Macabéa são representações de seres humanos tentando, simplesmente, existir.

## REFERÊNCIAS

CAPRIOLI, Marina da Silva. **Análise do Discurso Literário**: proposta de metodologia no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista. Marília, São Paulo, 2018.

CAPUCHINHO, N. C. D. Mulheres no Brasil dos anos 1970: militância, mídia e padrão de beleza. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 157-178, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.155487. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/155487>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CAVALCANTE, Thaysa Maria Braide de Moraes; SILVA, Jussara de Araújo. **Discurso e identidade na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector**. Instituto Federal de Pernambuco; Garanhuns, jul. 2021

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 6. ed. Araraquara, SP: Editora Ática, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LOPES, Emília Mendes. **O Discurso Ficcional: uma tentativa de definição**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [Orgs.]. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2, cap. 4, p. 113-165.

NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: **Páginas Femininas & Outras Páginas**. São Paulo: SENAC, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionais: introdução à teoria da literatura**. 1. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

SOUZA, L. S. O. **A construção social da mulher do conto “Amor”, de Clarice Lispector**. CLARICE EM CENA: 30 ANOS DEPOIS. 01, 2008. Brasília, DF. Anais do Seminário Internacional Clarice em Cena: 30 anos depois. B Brasília, DF, 2008.